



**REENCONTROS  
NOVOS ESPAÇOS  
OPORTUNIDADES**

**XXXIV SIC** Salão Iniciação Científica

**26 - 30  
SETEMBRO  
CAMPUS CENTRO**

|                   |   |
|-------------------|---|
| <b>Evento</b>     | Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS            |
| <b>Ano</b>        | 2022  |
| <b>Local</b>      | Campus Centro - UFRGS   |
| <b>Título</b>     | Racismo e subjetividade em Caderno de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo |
| <b>Autor</b>      | MÁRCIA RECKZIEGEL KUCERA  |
| <b>Orientador</b> | KARINA DE CASTILHOS LUCENA  |

A pesquisa com o livro *Caderno de memórias coloniais* (2015), de Isabela Figueiredo (Moçambique, 1963), se insere no debate sobre as relações entre identidade, raça e classe. O trabalho analisa como a racialização da vida influi na subjetividade da narradora e personagem principal do romance por, objetivamente, balizar tanto a estrutura material de seu contexto social, quanto a de sua psique. A personagem branca, nascida em Moçambique e filha de colonos portugueses (também brancos), faz parte do conjunto de "retornados" a Portugal após os processos de independência em África. É ela, já adulta, quem nos narra a história de sua infância colonial carregada de amores, ódios, saudades e ressentimentos, além de questões abertas sobre si no mundo, sobre sua identidade. Para realização desta análise tomamos como base o livro do psicanalista e revolucionário Frantz Fanon (Martinica, 1925 - EUA, 1961) intitulado *Pele negra, máscaras brancas* (1952), ensaio que debate, entre outros aspectos, o impacto psíquico do marcador identitário racial forjado a partir do ideal branco europeu. Para Fanon, no contexto moderno, o simbólico se constitui delimitado por signos colonialistas que têm no homem branco o ideal humano e reserva ao não-branco uma construção simbólica de não-outro, desumanizada. A escolha desta base teórica levou em consideração os pressupostos materialistas e o contexto do autor martinicano - que não apenas nascera em uma colônia africana, mas também teorizou e combateu o colonialismo -, além do desejo de caminhar junto em seu objetivo de contribuir com uma ciência e uma prática que persigam a possibilidade de um devir humano descolonizado e genuinamente livre para realização de individualidades autênticas.